

O câncer no palanque: a cobertura fotográfica da *Veja* sobre a doença da possível candidata à presidência, Dilma Rousseff

The cancer in tribune: the photographic coverage of Veja about the sickness of the hypothetical candidate for the presidency, Dilma Rousseff

Paulo César Boni

Doutor em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo - USP; professor e coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina - UEL.
E-mail: pboni@sercomtel.com.br

Maria Luisa Hoffmann

Graduada em Comunicação Social - habilitação Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina - UEL; mestranda em Comunicação, pela mesma instituição; bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. E-mail: maluhoffmann@yahoo.com

Artigo recebido em: 06/10/2009

Artigo aceito em: 04/11/2009

Resumo

As escolhas técnicas e estéticas dos fotógrafos podem determinar ou direcionar a interpretação de suas imagens. Este artigo pretende analisar o discurso fotográfico da revista *Veja* na cobertura da doença da possível candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) à presidência do País, Dilma Rousseff. Por meio da proposta metodológica da desconstrução analítica, e considerando elementos da linguagem fotográfica, é possível apontar a intencionalidade da revista na reportagem.

Palavras-chave: revista *Veja*, Dilma Rousseff, desconstrução analítica, fotojornalismo.

Abstract

The technical and aesthetic photographers' choices may determine or direct the interpretation of their images. This article aims to analyze the discourse of *Veja* magazine in photographic coverage of Dilma Rousseff's disease. She is the possible candidate from PT to chair the country. Through the proposed methodology of analytical deconstruction, considering elements of photographic language, it is possible to indicate the intent of this magazine report.

Keywords: *Veja* magazine, Dilma Rousseff, analytical deconstruction, photojournalism.

Introdução

Grande parte do repertório imagético do homem é condicionado por padrões estéticos da mídia, que têm pautado e influenciado a opinião pública e o debate político. Nesse sentido, Kossoy (1999: 63-64) assinalou que, desde o século XIX, a invenção da fotografia e seu subsequente desenvolvimento tecnológico e industrial, fruto de um inusitado consumo, impulsionaram suas aplicações comerciais, artísticas, científicas e promocionais nesta que se convencionou chamar de “civilização da imagem”.

A fotografia é uma mensagem cuja relação entre signos e significados não é preestabelecida. Seus códigos, abertos e contínuos, possibilitam que cada leitor tenha sua própria interpretação da imagem. A leitura é, dessa maneira, polissêmica. Alguns elementos e técnicas, porém, podem direcionar a interpretação do leitor, no sentido premeditado pelo fotógrafo.

[...] entre o significante e o significado é absolutamente comum a existência de elementos referenciais que converjam na direção de um mesmo significado, ou seja, informações que tentam aproximar os leitores de uma mesma leitura (BONI, 2000: 23).

Revelar os signos e os significantes presentes na imagem auxilia a compreender representações sociais de um tempo histórico e a identificar o discurso e a ideologia dos *media*. Flusser (2002: 14) afirmou que “a aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto o são todas as imagens. Devem ser decifradas por quem deseja captar-lhes o significado”.

O presente artigo analisa a cobertura fotográfica da revista *Veja* sobre a descoberta do câncer da possível presidenciável do Partido dos Trabalhadores (PT), Dilma Rousseff. Por meio da proposta metodológica da desconstrução analítica, aponta-se a intencionalidade de comunicação dos fotógrafos e, conseqüentemente, o discurso da revista. Para a análise, foram consideradas as fotografias da reportagem “A candidata e o câncer”, capa da edição 2.111, de 6 de maio de 2009. A revista, segundo Hernandez (2006: 12), é a quarta maior publicação do gênero no mundo, a primeira do Brasil, com circulação de 1.131.100 exemplares e 4.701 milhões de leitores.

Leitura de imagens

Em *A fotografia é a sua linguagem* (1988), Lima defendeu o aprendizado da leitura das imagens e a importância de seu entendimento. O autor explicou que existem condições para uma comunicação efetiva por meio da fotografia.

A primeira condição, a mais importante, é que é necessário saber “ler”. Ninguém sabe ler sem ter aprendido e todos creem poder ler fotografias sem o mínimo estudo prévio, o que é um grande erro.

A segunda condição é o conhecimento dos elementos que compõem a imagem. Uma fotografia representando objetos ou fenômenos desconhecidos é quase tão muda quanto um texto escrito em uma língua que a gente nunca viu.

A terceira condição é o conhecimento da língua na qual é escrita a mensagem (LIMA, 1988: 18-19).

Lima abordou o conteúdo simbólico da imagem e descreveu as três fases do contato com o leitor, que são a percepção (primeiridade), a identificação (secundidade) e a interpretação (terceiridade). Na fase da interpretação, o leitor relaciona as imagens por meio de associações de ideias, estereótipos e de seu repertório imagético, o que possibilita a compreensão de seu conteúdo. Os signos, dessa maneira, desencadeiam em cada pessoa uma série de significantes, e a leitura da imagem varia de acordo com o reserva signica do leitor. Quanto mais rico seu repertório, maior sua capacidade de compreender, além do significado óbvio, as entrelinhas da mensagem (BONI, 2000: 21).

Considerando que as escolhas técnicas e de composição podem direcionar a leitura das imagens para um mesmo significado, ainda que sem precisão, é possível afirmar que a mídia pode tentar orientar a interpretação de uma fotografia de acordo com seus interesses.

Esse direcionamento se dá por meio da edição, que escolhe uma imagem em detrimento da outra, da orientação de seus fotógrafos e da linha editorial do meio que determina o formato, a diagramação e a página em que será publicada a matéria. Segundo Boltanski (*apud* MORETZSOHN, 2002: 86), “quem fabrica o jornal antecipa a leitura que o público fará: diseca a fotografia a fim de privilegiar uma significação. Tudo o que puder desviar dessa significação é eliminado, sempre que possível”. Moretzsohn caminhou no mesmo sentido quando afirmou:

O estudo da maneira pela qual os grandes jornais do País editam o noticiário indica, porém, que essa “ilustração” não é nem um pouco inocente. E mostra, igualmente, que todos eles utilizam os mesmos recursos para produzir efeitos como a ironia, o duplo sentido ou a sedimentação de consensos, com consequências éticas relevantes (MORETZSOHN, 2002: 89).

Os recursos técnicos, a legenda e seu sentido conotativo, os cortes que excluem o indesejável ou dão ênfase à expressividade dos retratados, a seleção do que é noticiável, os enquadramentos que definem o que é mais importante, ou seja, todas as escolhas do meio podem gerar sentido. As imagens carregam em si informação, e os fotografos podem manipular os símbolos reafirmando um discurso e disseminando uma ideologia. Kossoy (1999: 19-20) afirmou que “as diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e para a consequente formação e manipulação da opinião pública”.

Os recursos técnicos de captura e edição de imagem, os elementos da linguagem fotográfica, o posicionamento das fotografias nas páginas e os elementos textuais como legenda, título e linha fina, foram considerados nesta análise.

A possível candidatura de Dilma Rousseff

Dilma Rousseff é economista e cursou alguns anos de doutorado na área de Teoria Monetária e Financeira, na Universidade de Campinas. Com personalidade forte e fama de “linha dura”, foi ministra das Minas e Energia entre 2003 e junho de 2005, quando assumiu como ministra da Casa Civil no lugar de José Dirceu, afastado por envolvimento com acusações de corrupção no caso do “Mensalão”. Atualmente, é também gerente do PAC – Programa de Aceleração de Crescimento.

A ministra ainda participou da militância armada durante a juventude em organizações clandestinas e terroristas de esquerda, e teria sido comandada por Carlos Lamarca durante a ditadura militar.

No dia 4 de outubro de 2007, em entrevista à *Folha de S. Paulo*¹, Dilma descartou sua candidatura: “Não

sou candidata. Acredito que o PT pode ter candidato próprio, e tem o direito de pleitear isso, ou pode haver uma composição.”. Porém, em novembro de 2008, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva confirmou que indicaria seu nome à Presidência da República. Em janeiro de 2009, em nova entrevista ao mesmo jornal, a ministra afirmou que ainda não era a candidata do PT. Segundo o texto da matéria, “a declaração foi dada no Fórum Social Mundial, em Belém, onde ela teve um dia de presidenciável, com direito à claque ovacionando seu nome e uma sessão informal de autógrafos ao público.”²

Em 2009, Dilma Rousseff apareceu na mídia com novo visual. Após cirurgia plástica facial, ela estava sem óculos, dez quilos mais magra e com novo corte e cor de cabelo. A matéria da edição 2.096, de 21 de janeiro de 2009, da *Veja* chamou as intervenções estéticas da ministra de “PAC eleitoral” – Programa de Aprimoramento Cosmético, que, segundo a revista, seria o primeiro passo rumo à sucessão de Lula. Em março do mesmo ano, Dilma admitiu a possibilidade da candidatura, mas garantiu que não estava em campanha.

Nessa mesma edição, a *Veja* publicou uma pesquisa do Instituto Datafolha (dezembro de 2008) sobre a intenção de voto dos eleitores. Dilma Rousseff apareceu com 8% das intenções de votos, ficando atrás de outros possíveis candidatos, como Ciro Gomes (15%), José Serra (41%) e Heloísa Helena (14%). A revista enfatizou, porém, que, comparado à última pesquisa (março de 2008), o índice da ministra, que era de 3%, subiu 167%, e que o salto ocorreu entre o eleitorado que aprova o governo Lula.

No dia 25 de abril, Dilma e seus médicos concederam uma entrevista coletiva no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, e afirmaram que a pré-candidata teve um linfoma (câncer no sistema linfático) tratado em segredo e que, a partir de então, ela passaria por sessões de quimioterapia, mas que a doença estava sob controle e o tratamento não afetaria o cumprimento de sua agenda. *O Estado de S. Paulo*³ publicou em seu site uma declaração do ministro da Fazenda, Guido Mantega, afirmando que aquele era mais um “desafio, uma batalha que ela vai vencer. [...] Como conheço bem a Dilma, sei que é uma grande lutadora e tem

² Idem.

³ Fonte: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,dilma-continua-sendo-a-candidata-do-pt—diz-cardozo,360433,0.htm>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

¹ Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u333829.shtml>>, Acesso em: 20 de maio de 2009.

vencido desafios e batalhas. [...] Ela vai tocar a vida com mais este probleminha para resolver”.

O jornalista Gilberto Dimenstein apontou, em sua coluna *on-line* da *Folha de S. Paulo*⁴, que a doença de Dilma Rousseff pode ser o caso mais popular de resiliência no Brasil. Resilientes são aqueles capazes de vencer as dificuldades e os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que sejam. Para o jornalista, o linfoma da ministra resultou na empatia da população, que só tende a aumentar. Ele afirmou, também, que os políticos acreditam que a doença abalou as pretensões presidenciais de Dilma, mas a pesquisa *Vox Populi* apontou o contrário: “seu apoio é expressivamente maior (33%) entre os eleitores informados sobre sua doença. É o efeito resiliência – e só mostra que, se ela vencer a doença, o que é bem possível, segundo os especialistas, sairá mais forte politicamente”.

Análise das imagens

A imagem, segundo Moretzsohn (2002: 84), é o que primeiro atrai a atenção do leitor, o qual, por meio dela, pode ser conduzido a ler a notícia. Os meios têm consciência disso e uma rápida análise comparando impressos das últimas décadas permite constatar a crescente importância que a imagem vem ocupando na diagramação e na composição das matérias.

Uma simples passada de olhos pelas páginas de qualquer diário nos leva a perceber como os jornais jogam com textos e fotos, como planejam a diagramação de modo a induzir o público a uma determinada leitura – e como essa leitura pode ser subvertida, dependendo do que lê (MORETZSOHN, 2002: 84).

O tamanho e a posição da imagem na página também podem influenciar o leitor e direcionar sua interpretação. A distribuição dos elementos, a ênfase ou não de determinadas imagens têm caráter conceitual e seguem, geralmente, diretrizes editoriais do meio. Legendas e linhas finas balizam o processo de recepção, reduzindo ou, até mesmo, eliminando, em alguns casos, o caráter polissêmico da mensagem.

A intencionalidade de comunicação por meio de imagens pode ser abordada em três fases da construção da matéria. O fotógrafo, ao cumprir uma pauta, segue recomendações

e orientações (de acordo com linha editorial do jornal ou da revista) que interferem diretamente em suas escolhas técnicas. Muitas vezes, ele sai da redação com a imagem mentalizada, premeditada. O editor, por sua vez, segue critérios estabelecidos pelo meio e escolhe, dentre as imagens produzidas, ou dentre as imagens adquiridas com agências, aquelas que mais se adaptam ao conteúdo da matéria, que a complementam ou, até mesmo, trazem informações não contempladas pelo texto. Já na diagramação, algumas imagens serão cortadas ou adaptadas de acordo com a sua importância. Se a intenção é ressaltar a expressividade do fotografado, a imagem pode ser aumentada e recortada. Pode-se observar esse recurso na capa (Figura 1) da edição trabalhada neste artigo.

Tomada em plano fechado por Ruy Baron, a fotografia foi adaptada para a capa da revista. Com o propósito de aproximar ainda mais a imagem do leitor, foram feitos cortes na testa e na parte esquerda do rosto de Dilma Rousseff. Esse redimensionamento acentuou sua expressão, serena, com um leve sorriso. A cor, na qual é grafado o nome da revista, muda a cada edição e também pode gerar significação. Na edição 2.111, foi escolhido o azul, que, segundo Guimarães (2003: 22), significa tranquilidade e condiz com a expressão da ministra.

Numa composição fotográfica, cada elemento – ou mesmo parte dele – pode constituir um significativo. Num cenário retratado em que apareçam pessoas, animais e objetos, cada um desses elementos é considerado um significativo. E cada uma das partes desses elementos também pode ser considerada significativa, pois, além de remeter o leitor a um signo, gera interpretações diferentes e provocam, em cada leitor, uma nova semiose (BONI, 2000: 17).

A chamada da matéria a trata, desde já, como candidata. Essa fotografia (Figura 1), possivelmente capturada por uma lente teleobjetiva curta, tem baixa profundidade de campo, o que realça o primeiro plano focado. Essa lente também pode deixar o rosto do fotografado mais arredondado, como é possível verificar na imagem.

De acordo com Lima (1988: 39), a distância que separa os olhos de uma imagem deve ser igual ao dobro da diagonal dessa imagem, para que ela seja percebida por inteiro. Dessa maneira, a Figura 2, com aproximadamente 30cm, é percebida parcialmente pelos leitores, a princípio. Para ser compreendida integralmente, é necessário que o leitor tome uma determinada distância das páginas da revista.

⁴ Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/fohla/pensata/gilberto-dimenstein/ult508u571019.shtml>>. Acesso em: 26 de maio de 2009.



Figura 1: Capa da revista *Veja*, edição 2.111, de 6 de maio de 2009

Fotografia: Ruy Baron/Valor/Folha Imagem

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

Essa imagem, a primeira a ilustrar a matéria, foi tomada por Ricardo Stuckert e diagramada em um falso espelho. O plano de tomada é médio, plano mais utilizado no fotojornalismo devido ao seu poder descritivo. Esse plano também pressupõe uma interação entre os elementos vivos e o ambiente. Na fotografia, Dilma Rousseff e o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram retratados lado a lado em *contra-plongée*, angulação na qual os elementos são retratados de baixo para cima, e que passa a impressão de superioridade, triunfo. Relacionando a imagem ao nome da matéria “O câncer no palanque”, é possível constatar que essa tomada pode ter sido feita pelo fotógrafo abaixo do palanque no qual estavam o presidente e a possível candidata.

A lente utilizada foi, possivelmente, a grande angular, de aproximadamente 35mm, que permite que o recuo em relação ao acontecimento seja pequeno. Essa lente possibilita uma grande profundidade de campo e destaca o primeiro plano, podendo também distorcer elementos da imagem. Na Figura 2, a mão e o braço de Lula estão à sua frente, o que já causaria certa deformação. Porém, a lente potencializa a distorção, tornando-os desproporcionais em relação ao corpo. Na lente grande angular, quanto menor a distância focal, maior é a distorção do objeto.

Figura 2: Páginas 58 e 59 da revista *Veja*

Fotografia: Ricardo Stuckert/PR

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.



De acordo com a regra dos terços, os rostos de Lula e Dilma estão situados nos “pontos de ouro” da fotografia, e ambos estão sorrindo e olhando para a esquerda. Lula está acenando para o público e sendo aplaudido pelos outros fotografados no palco. Dilma está sorrindo com a expressão serena e também aplaude o presidente. “Para a fotografia são utilizados mais os movimentos de ação, que servem para dar significado à mensagem transmitida inconscientemente pelo seu executor” (LIMA, 1988: 104).

O tamanho da imagem e sua posição também podem gerar sentido. A imagem, elemento preferencial de atenção do leitor, foi diagramada majoritariamente em página ímpar, a mais valorizada em revistas e jornais, e os olhares dos fotografados induzem o leitor a percorrer as páginas da direita para esquerda, direcionando-o ao texto.

A legenda, assim como o título e a linha fina da matéria, são consultados pelo leitor, que, após observar as imagens, busca situá-las espaço-temporalmente. A linha fina, neste caso, determina o posicionamento da revista quando afirmou que o governo está utilizando a doença da ministra como trunfo de campanha, ao apelar para o efeito resiliência descrito anteriormente por Gilberto Dimenstein. Com a utilização de recursos

técnicos, a revista enalteceu a imagem de uma mulher serena e militante, e intencionou transformá-la em uma vítima do PT, afirmando que este utiliza sua doença como alicerce de uma possível candidatura.

Na Figura 3, a fotografia à esquerda retrata Marco Aurélio Garcia, assessor especial da Presidência da República, e foi capturada pelo fotógrafo Celso Junior. À direita, a imagem é de Fernando Haddad, ministro da Educação, e foi tomada por Elza Fiúza. Ambas as imagens foram captadas possivelmente com uma lente 50mm, a chamada lente normal, sendo que a da esquerda foi tomada de um ângulo linear e a da direita, em ângulo *plongée* (de cima para baixo). Esse ângulo pode ter sido utilizado porque o ministro está sentado olhando para cima, e o repórter estava possivelmente em pé.

Já a Figura 4 traz, à esquerda, a imagem de Gim Argello, líder do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) no Senado, capturada por Geraldo Magela, e, à direita, Romero Jucá, líder do governo no Senado, em fotografia de Celso Junior. A imagem da esquerda foi tomada com uma teleobjetiva, que diminui a profundidade de campo, realçando o elemento focado em primeiro plano. A da direita foi possivelmente captada com uma teleobjetiva curta, pois não tem profundidade de campo e apenas o



Figura 3: Páginas 60 e 61 da revista *Veja*

Fotografia à esquerda: Celso Junior / Fotografia à direita: Elza Fiúza/ABR (Agência Brasil)

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.



Figura 4: Páginas 62 e 63 da revista *Veja*

Fotografia à esquerda: Geraldo Magela/ Ag. Senado

Fotografia à direita: Celso Junior/ AE (Agência Estado)

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009

rosto do senador está focado. É possível notar também sua mão desfocada em primeiro plano. A gestualidade característica, a indumentária e o ambiente nos quais foram fotografados auxiliam o leitor a identificar esses homens como políticos. As imagens e as tomadas fechadas, em *close-ups*, ressaltam suas expressões faciais.

Nessa expressividade do rosto podem ser observadas modificações em seis regiões principais: testa, sobrancelhas, pálpebras, nariz, olhos e boca. Através dessas seis regiões, podemos observar sete principais emoções: alegria, tristeza, surpresa, medo, cólera, desgosto ou desprezo e interesse (LIMA, 1988: 107).

As legendas são depoimentos e afirmam que a superação da doença pode beneficiar a imagem da ministra. Fernando Haddad explicou ainda que a luta da ministra se confundia com a superação das dificuldades do País. A revista fala ao público por intermédio da voz do outro; nesse caso, voz oficial, que legitima o argumento como verdade. Nos depoimentos colhidos, por exemplo, algum

senador (ou um político, como aqueles citados por Dimenstein) poderia ter afirmado o contrário, que a doença de Dilma não tem relação com a campanha do PT, ou então que o câncer pode influir negativamente em sua campanha, porém a escolha das fontes e das imagens é proposital para a composição da matéria. De forma geral e, mais especificamente, em matérias políticas ou ideológicas, a imagem aplicada no veículo de informação é sempre objeto de algum tipo de “tratamento” com o intuito de direcionar a leitura dos receptores (KOSOY, 1999: 55). A simples seleção de determinadas fotografias para a publicação ou a relação estabelecida entre elas na edição sugere ou direciona a compreensão por parte do público.

“A química já começou” é a continuação da matéria, e relata o anúncio da doença, realizado pelos médicos do Hospital Sírio-Libanês, onde a ministra faz tratamento. A imagem (Figura 5), capturada com uma lente teleobjetiva por Marlene Bergamo, não tem profundidade de campo e foca com precisão apenas o elemento intermediário, Dilma Rousseff.



Figura 5: Páginas 64 e 65 da revista *Veja*

Fotografia: Marlene Bergamo/Folha Imagem

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

Essas lentes “têm pouca precisão sobre a superfície da imagem, atenuam o contraste entre os planos e acentuam todas as linhas verticais. Elas só dão um detalhe do assunto escolhido e o grau de nitidez é menor” (LIMA, 1988: 81). Além disso, a teleobjetiva estreita o campo da fotografia e cria, por meio da ênfase das linhas verticais, uma determinada ordem na imagem.

A ministra é o elemento preferencial da Figura 5, e sua roupa vermelha (cor símbolo do Partido dos Trabalhadores) a destaca dentre os médicos vestidos de branco. O plano de tomada foi o médio, com grande poder descritivo, e a lente gerou um achatamento da perspectiva, aproximando os fotografados um do outro. O enquadramento determina uma hierarquia de valores dentro do quadro, valorizando alguns elementos e excluindo outros (MACHADO, 1984: 103).

As possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e, portanto, na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia. Dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, deformando as aparências de seus retratados, alterando o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, o fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma (KOSSOY, 1999: 30).

Apesar de desfocados, os médicos estão nítidos porque estão próximos ao foco central em destaque. O leitor, assim como em uma conversa ao vivo, busca na imagem o olho do fotografado. Quando estes não estão focados, a leitura fica incômoda. Os olhos e o rosto de Dilma, em foco, estão próximos ao “ponto de ouro” da regra dos terços. Enquanto os médicos olham para frente e para a mesma direção, a ministra olha para o lado e para baixo, com feição séria, como se estivesse pensando em outra coisa.

Essa imagem, obtida junto à agência Folha Imagem, destaca, através da lente, a ministra e sua expressão ausente e, novamente, retrata-a como uma vítima da situação. Durante a entrevista, exibida ao vivo por redes de televisão, Dilma Rousseff respondeu a perguntas e se mostrou forte, atenta e disposta a enfrentar o tratamento da doença. A imagem escolhida para ilustrar a matéria, porém, retrata-a no momento em que olha para baixo, em posição resignada, como se não estivesse atenta à entrevista.

A última imagem analisada (Figura 6) foi escolhida e recortada para informar ao leitor a localização do linfoma, abaixo do braço. A posição de Dilma, com os braços para cima acenando, é típica de candidatos em campanhas eleitorais. Algumas imagens parecem mostrar que boa parte das fotografias jornalísticas tenha depositado seu impacto na coincidência com certos arquétipos pictóricos que povoam o inconsciente da civilização (MACHADO, 1984: 62).

A lente utilizada foi uma grande angular, que possibilita ao fotógrafo um pequeno recuo, grande campo de tomada e poder de deformar o primeiro plano. Os braços da ministra estão desproporcionais ao corpo, ela está mais alta e esguia, seu rosto e seus braços estão mais finos – distorções características dessa lente, enfatizadas quando o ângulo *contra-plongée*, que enaltece, é utilizado. A cor da indumentária da ministra novamente é vermelha, o que pode causar no leitor uma rápida identificação e associação entre Dilma e o PT. A imagem pode ter sido adaptada e recortada com o intuito de mostrar a localização da doença e de reafirmar a condição de Dilma como candidata petista.

Considerando a subjetividade, Arlindo Machado, em *A ilusão especular: introdução à fotografia* (1984), expôs que todo fotógrafo, quando cria uma imagem técnica, utiliza sua bagagem cultural e ideológica, consciente ou inconscientemente. Kossoy (1999: 106), por sua vez, afirmou que “a fotografia sempre esteve – e sempre estará – à disposição das ideologias, prestando-se aos mais diferentes usos”. Assim como todos os outros meios de comunicação, ao fazer escolhas, a *Veja* expõe sua intencionalidade e, conseqüentemente, sua ideologia. A própria seleção do assunto a ser noticiado é realizada em função de uma determinada finalidade e sua concepção final será, dessa forma, influenciada.

Considerações finais

Por meio de escolhas técnicas e editoriais, é possível apontar a intencionalidade dos fotógrafos e da revista, pois “o aparelho obriga o fotógrafo a transcodificar sua intenção em conceitos, antes de poder transcodificá-la em imagens. Em fotografia, não pode haver ingenuidade” (FLUSSER, 2002: 32). A *Veja* utiliza material de agências, portanto, além da intenção do fotógrafo, foi analisada a seleção de imagens feitas pela da revista para ilustrar as matérias.

íveis focos microscópicos da
que passam despercebidos aos
s de imagem.
pedido da ministra,
dicos tentaram
listrar os re-
s por via in-
osa nos bra-
uma maneira
rápida, mas
dolorosa de inje-
quimioterápicos,
tal compostos de al-
cidade, que queimam
mente os vasos san-
is de menor calibre,
não suportou a dor,
édicos decidiram
nar por meio de
lipida cirurgia um
o de titânio e si-
que funciona
uma porta de en-
permanente para
ção de remédios,
rente no cora-
je se encarrega
ribul-los pela cor-
sanguínea. Esse
a de acesso venoso
zável, chamado no
médico de "port-a-cath",
lhido em 90% dos casos de
terapia prolongada, pois eli-
dor e preserva a integridade das
do paciente. No caso da ministra,
colocado logo abaixo da clavi-
lreita.
quimioterapia aplicada em Dil-
composta de cinco medicamen-
tusimabe, ciclofosfamida, do-
icina, vincristina e prednisona.

Anderson, no Texas, centro de referência no tratamento da doença

17/4

■ O diagnóstico foi ratificado pelos patologistas americanos

20/4

■ Dilma foi submetida a uma cirurgia de uma hora de duração para a colocação de um cateter de longa permanência (port-a-cath), que facilita o tratamento quimioterápico

■ No mesmo dia, a ministra foi submetida à primeira sessão de quimioterapia

25/4

■ Sem mencionar que já estava em tratamento, a ministra anunciou publicamente a doença



19 MAIO 2009 | **Veja**

Figura 6: Imagem da página 66 revista *Veja*

Fotografia: Carlos Roberto/Hoje em Dia/Folha Imagem

Fonte: Acervo digital da revista *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 19 de maio de 2009.

As fotografias retratam Dilma Rousseff como uma mulher serena, sorridente, e como uma vítima do PT, que, para a revista, pode usar sua doença como trunfo de campanha. Suas expressões são destacadas pelos recursos técnicos, e ela é fragilizada na imagem em que aparece entre os médicos. Quando aparece próxima a Lula, é enaltecida pelo ângulo e tratada,

precipitadamente, como candidata. As imagens e os depoimentos dos políticos foram utilizados para atribuir veracidade ao discurso da própria revista, colocando na voz do outro seu posicionamento e se eximindo de possíveis reprovações.

A revista *Veja*, assim como outros meios impressos, utiliza suas fotografias e ilustrações para gerar sentido.

As imagens, aliadas às legendas e aos títulos, fazem o leitor compreender a ideia principal da mensagem sem recorrer ao texto da matéria. A seleção de imagens e a edição, previamente planejadas, podem reforçar o sentido desejado, direcionando o olhar do leitor e diminuindo sua liberdade de interpretação, mesmo que de maneira quase imperceptível. Com o tempo, o leitor é condicionado a percorrer, pelo trajeto perceptivo/cognitivo, determinado pelo meio e pode ser induzido a

pensar como ele. Quando se aprende a desvendar as mensagens intrínsecas na fotografia, qualquer contato com produtos da comunicação torna-se um processo de decodificação, desenvolvendo, dessa maneira, a capacidade crítica de quem os “lê”. Compreender os recursos, as técnicas aplicadas em imagens e suas implicações no público possibilita identificar os artifícios dos *media*, atenuar seu poder de manipulação e aproximar o leitor da veracidade dos fatos.

Referências

BONI, Paulo César. 2000. *O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA/USP.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2003.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para captar e manter a atenção do público*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê, 1999.

LIMA, Ivan. *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Es-paço e Tempo, 1988.

MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MORETZOHN, Sylvia. *Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

Web 2.0. *E-Compós*, v. 9, p. 1-21, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: 17 de julho de 2008.

SILVA FILHO, Wagner D. da & CAZELLA, Sílvio César. Um *framework* para recomendação de artigos científicos baseado na relevância da opinião dos usuários em filtragem colaborativa. In: V ENCONTRO NACIONAL DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL – ENIA. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Disponível em: <http://www.inf.unisinos.br/~cazella/papers/ENIA_Danda_Cazella2005.pdf>. Acesso em: 21 de junho de 2008.

SILVA, Gislene da. Valores-notícia: atributos do acontecimento (Para pensar critérios de noticiabilidade D). In: IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. Trabalho apresentado ao NP02 – Jornalismo. Porto Alegre: Intercom/PUC-RS, 2004. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0797-1.pdf>>.

ZHANG, Xi & SUN, Ron. *Top-down versus bottom-up learning in cognitive skill acquisition*. *Cognitive Systems Research*, v. 5, n. 1, p. 63-89, Elsevier, 2004.